

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. **Carlos Santos: uma biografia**. Em co-edição IEL. 1994, 126p.
- HOHLFELDT, Antônio. **Pelas Veredas da Literatura Brasileira**. Em co-edição IEL. 1994, 209p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE - RS
BRASIL
FONE/FAX: (051) 339-1511 Ramal: 3323

Desvendando identidades nacionais:

os discursos de raça e gênero em *Pocahontas* e *Iracema*

CHRISTOPHER DUNN
TULANE UNIVERSITY

“Seria difícil”, escreveu Robert Dale Owen em 1837 no prefácio da sua peça, *Pocahontas; a historical drama*, “no catálogo de instintos humanos, localizar um, de poder mais forte ou de prevalência mais universal, [...] que o amor para a narrativa” (7). Portanto, Owen parece fazer uma ponte com o meta-historiador e narratólogo, Hayden White, que sugeriu em *The content of the form* (1987) que o impulso para narrativizar a experiência humana é “um fato pan-global da cultura” (1). Mas onde Owen vê na narrativa uma possibilidade de vislumbrar uma realidade histórica, White considera a narrativa como discurso. Para White, a narrativa serve para representar o passado de uma forma inteira, contínua, coerente e compreensível. Ou seja, o passado não tem nenhum sentido inerente e não contém uma lógica interna, mas depende, mais propriamente, do “ato poético” do historiador ou romancista para dar-lhe forma de modo que tenha significado para seus leitores. Para White, a história não é dada, é inventada. Não “se escreve”, como gostam de dizer alguns historiadores, tem que ser escrita. Assim, a história pode ser vista sobretudo como uma construção (em vez de reconstrução) que utiliza uma série de códigos lingüísticos, envolve escolhas epistemológicas e contém uma forma paradigmática (o mito), todos os quais são cultural e ideologicamente determinados.

Para Owen, a ficção histórica faz parte do projeto historiográfico porque era capaz de discernir “o espírito da época” em questão, e vislumbrar uma realidade mais profunda que foge dos documentos. O romance histórico era capaz de “breathe life into the

unimpassioned marble of history [...] and place the Past before our eyes and cause us to know it" (18). Assim o drama de *Pocahontas* faz parte dum projeto tanto historiográfico quanto literário. Owen ressalta que os personagens e os eventos do drama são "strictly historical" (21).

Owen também fez questão de sublinhar a importância pedagógica da sua peça. O drama de *Pocahontas* pretende ensinar como conhecer e entender nosso "passado comum" de acordo com o que Owen chama de "that mild spirit of modern reform" (18). A intenção do romancista brasileiro, José de Alencar, foi similar quando ele escreveu o romance *Iracema* em meados do século passado. Os dois se empenharam em resgatar um passado já distante – as histórias das fundações de suas nações respectivas. Owen e Alencar evidenciaram uma certa preocupação empiricista ao desenvolver suas obras. Segundo Araripe Júnior, o primeiro biógrafo de Alencar, ele quis decifrar o passado da pátria, "dar-lhe forma, e, de vago, reduzi-lo a concreto" (em Santiago, 1982, p. 98). Os dois escritores forneceram argumentos históricos, recolhidos dos documentos escritos por aventureiros e colonizadores, informação etnográfica, e no caso de Alencar, explicações etimológicas das palavras indígenas utilizadas no romance.¹ Eles começaram com uma base epistemológica empiricista para dar mais peso, mais credibilidade a suas invenções literárias. Desta forma, os dois romances teriam muito para ensinar a seus leitores sobre as "raízes verdadeiras" de suas nações.

As publicações de *Pocahontas* (1837) e de *Iracema* (1865) apareceram durante a auge de preocupações nacionalistas dos países americanos recém-independentes, e contribuíram para a criação de uma literatura nacional, que seria fundamental no desenvolvimento da identidade nacional. O movimento romântico, com sua glorificação da natureza americana e do seus "nobres selvagens", tem sido interpretado como uma tentativa de definir-se em relação à antiga metrópole, ao país colonizador. O índio, particularmente no Brasil, se tornou emblemático da independência nacional, e serviu para definir uma identidade nacional. Eis, a importância do mito da fundação. Para falar de um "Brasil" ou de um "Estados Unidos da América" era preciso primeiro identificar e caracterizar seus princípios. Para que um país possa se narrativizar, algum

princípio tem que ser identificado, e a fundação em si também tem que ser entendida como uma estória com seu próprio começo, meio e fim. White sugere que tanto na historiografia como no romance dessa época, a conclusão representa uma resolução de conflitos e contradições, e oferece ao leitor uma mensagem moralista (14).

Assim, *Pocahontas* e *Iracema* podem ser lidos como construções discursivas, especificamente como alegorias, que expressam os valores culturais e ideológicos dos seus produtores que são, em ambos casos, membros e representantes da elite branca. Marianna Torgovnick escreve em *Gone primitive* (1990) que "o primitivo pode ser, foi, e será (?) – o que os euro-americanos querem que seja" (9). Assim o "primitivo" existe em um estado de natureza, e pode ser caracterizado de acordo com as necessidades, desejos e esperanças dos europeus "civilizados". Tanto em *Iracema* quanto em *Pocahontas*, os índios, e especialmente as mulheres, servem como porta-vozes da ideologia elite branca patriarcal. Torgovnick sugere que o discurso sobre o primitivo é quase sempre entrelaçado com o discurso de gênero (17). A mulher é muitas vezes identificada com a natureza em oposição à civilização que é dominada pelos homens.

Nestas obras a mulher indígena foi útil para "naturalizar" o discurso da elite. O discurso hegemônico é expressado pela "outra", da "primitiva", e assim pode ser visto como natural, e identificado com o universal. Alencar, por exemplo, disfarçou seus princípios ideológicos com o uso de palavras e frases que "parecem naturais na boca do selvagem." (89) Então esses dois projetos literários, além de servir para definir a "norte-americanidade" ou a "brasilidade" vis-à-vis a Europa, também funcionaram para justificar e legitimar o poder político e econômico da classe dominante. A fundação da nação se torna bela e gloriosa, em vez de violenta e destrutiva; e é caracterizada pela colaboração bi-racial, em vez da dissidência e do preconceito racial. Os dois autores utilizaram a dimensão mítica do passado para revelar o aspecto "atrativo" das origens nacionais. Mas ainda procuraram representar esse passado glorificado como a verdade.² A seguir, quero comparar os valores culturais dos dois autores, e tentar entender os princípios ideológicos atrás das "verdades" que procuraram mostrar em *Pocahontas* e em *Iracema*.

¹ Alencar escreve no epílogo da *Iracema*: "O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura. Ele nos dá não só o verdadeiro estilo, como as imagens poéticas do selvagem, os modos de seu pensamento, as tendências de seu espírito, e até as menores particularidades de sua vida" (88). Então Alencar tentou aproximar a realidade indígena através da linguagem.

² Para Owens não há contradição entre a verdade e a beleza: "Ought not everything that is true and useful to be attractive – is it not always attractive – to a justly balanced mind?" (12).

O romance histórico de Alencar consiste numa explicação e numa justificação moral da miscigenação entre os europeus e as indígenas. Sua visão é basicamente sintética: o Brasil foi construído por duas raças (mais tarde seriam três, mas nesta época poucos romancistas escreviam sobre o negro) – o europeu e o índio. Nessa união “havia aí uma predestinação de uma raça” (86) que seria a “raça brasileira”, de vez original e distinta. Embora não existisse igualdade entre os brancos e os índios, a mestiçagem podia ser exaltada e mitificada em *Iracema* como traço distintivamente brasileiro. Vale notar que, nas décadas seguintes, esta visão romântica cedeu a uma visão pessimista da miscigenação apoiada nos conceitos do determinismo biológico. Mas a celebração da mestiçagem surgiria outra vez nas décadas de vinte e trinta para se tornar o ponto mais saliente da identidade nacional.

O drama histórico de Owen, por outro lado, reprime o contato sexual entre o colonizador europeu e a mulher indígena, e acentua, no seu lugar, uma resolução política e diplomática entre os brancos e os índios. O drama *Pocahontas* servia para justificar a destruição ou realocização de diversos povos indígenas do sudeste entre 1800 e 1840. Na peça do Owen, há uma dicotomia muito marcada entre os índios domesticados que podem conviver, mas não misturar, com os brancos, e os que tem que ser destruídos ou realocizados na região ocidental do país.³ Em *Pocahontas*, o impulso para definir a identidade nacional em relação a Inglaterra anda juntamente com o impulso para distinguir os Estados Unidos dos países latino-americanos. Portanto, os personagens sempre comparam a relação “benevolente” entre os ingleses e os índios, com o tratamento cruel dos índios mexicanos e peruanos pelos espanhóis “bárbaros” e antidemocráticos. Assim o drama *Pocahontas* procura exaltar as raízes da democracia e da justiça norte-

³ Esta dicotomia é ainda mais marcada na peça de George Washington Parke Custis, *Pocahontas, or the Settlers of Virginia*, em que o “mau” índio, Matacoran (que corresponderia ao Irapuã no *Iracema*), recusa aceitar a vitória dos colonizadores europeus ou a união política entre os dois grupos. A peça termina com seu auto-exílio para o oeste do país: “Know that Metacoran scorns thy friendship, and hates all thy kind... Now that he can no longer combat the invaders he will retire before them, even to where the tradition says, there rolls a western wave [...] There, on the utmost verge of the land which the Manitou gave to his fathers, when grown old by time, and his strength decay’d, Matacoran will erect his tumulus, crawl into it and die.” [46; grifos meus] Aqui se vê nitidamente o desejo do governo norte-americano expressado pelo próprio índio derrotado. A política de realocização ocidental corresponde, misteriosamente, à “tradição” indígena. O conflito se resolve, e Matacoran não tem nada para fazer, a não ser morrer.

americana e justificar a hegemonia dos Estados Unidos no hemisfério.

No mito da fundação nacional, a mulher indígena tem um papel bastante importante, enquanto a mulher européia, especialmente no caso brasileiro, quase não existe. Portanto, em ambos casos a conquista depende de um ato de fé por parte da mulher indígena, que é misteriosamente disposta a assimilar os valores culturais do colonizador. Mas a relação entre o homem branco e a mulher indígena é desenvolvida em *Pocahontas* e em *Iracema* de maneiras diferentes. Enquanto *Iracema* e *Martim* têm uma relação amorosa, *Pocahontas* e John Smith tem uma relação de pai e filha. A relação conjugal entre *Pocahontas* e John Rolfe, desenvolvida no final da peça, serve só para dar continuidade à relação paternalista já estabelecida por Smith.

A DEFINIÇÃO DE PAPÉIS

O drama *Pocahontas* é baseado nas crônicas e na correspondência de John Smith, um dos líderes ingleses que chegaram à Virgínia por volta de 1609 para providenciar as possibilidades comerciais em serviço da Plymouth Company of London. Smith escreveu sua *General historie*, destacando seu encontro com *Pocahontas*, em 1624, depois que *Pocahontas* já morrera na Inglaterra.⁴ Segundo o relatório de Smith e a narrativa dramática de Owen, Smith foi capturado pelos índios durante uma expedição pela região litoral. Na peça, o chefe Powhatan, ao ser aconselhado pelo sacerdote Powah, decide executar Smith porque suspeita que ele tivesse usado magia contra sua filha, *Pocahontas*. No último momento *Pocahontas* apela ao seu pai para mostrar a misericórdia (91). *Pocahontas* negocia para salvar a vida de Smith e faz com que seu pai entre num acordo ténue com ele.

Entre os ingleses, Smith é o único que entende os índios, e *Pocahontas* é a única que confia nos estrangeiros brancos. Mais tarde ela visita o acampamento inglês para falar com Smith: “Tis I alone, Who do not fear the Yengesee.”⁵ *Pocahontas* está operando por

⁴ Vale notar aqui que o próprio relatório de Smith pode ser lido como um discurso que glorificava seu papel na fundação da colônia. Desde o final do século dezanove muitos historiadores questionaram a veracidade da sua história. O encontro mítico entre ele e *Pocahontas* foi escrito quase quinze anos depois que supostamente acontecera. Por que esperou tanto tempo?

⁵ Segundo as notas de Owen “yengesee”, é um corruptela indígena da palavra “english” e de onde veio “yankee” (215).

sua própria vontade, sem a permissão do seu pai. Este encontro já estabelece uma relação filial entre os dois. Ela declara: "I am thy daughter Pocahontas" (126). Nesta ocasião, Pocahontas conhece pela primeira vez John Rolfe, e com a benção do seu novo "pai", ela o indica como seu novo "irmão". Então, Pocahontas, agora chamada "thy noble creature", estabelece seu papel como um elo familiar entre os dois grupos.

Alencar nos informa que Martim Soares Moreno era um capitão em serviço da coroa portuguesa que chegou no Brasil em 1608, e mais tarde ajudou a liberar o Brasil da invasão holandesa. Por isso, "O Ceará deve honrar sua memória como de um varão presente e seu verdadeiro fundador" (13). Sua união com Iracema, filha do chefe dos Tabajaras, um povo inimigo do sertão brasileiro, se realiza dentro do contexto da comunidade indígena. Martim está perdido na floresta, e está procurando uma tribo aliada, os Pitiguaras. Iracema o espia caminhando e atira uma flecha contra ele. Embora ferido, Martim fica contemplando Iracema, e associando-a com a Virgem Maria, "o símbolo de ternura e amor" (15). Como Pocahontas, Iracema é misteriosamente comovida por um sentimento – a misericórdia. Ela vem socorrer Martim e depois o traz para a cabana do seu pai, o Pajé. Embora Martim seja o inimigo, o Pajé lhe dá as boas-vindas, de acordo com a tradição tribal. Como Pocahontas, Iracema é logo vista como uma cristã, uma "boa índia", diferente dos outros, e assim ela pode ser separada da sua tribo (Santiago, 1982, p. 103). Mas ela também tem uma função sagrada dentro da sua comunidade, e por isso tem que permanecer casta. Iracema guarda o segredo da jurema, a droga que facilita a comunicação entre os guerreiros e o espírito maior, a Tupã. Ela entra em conflito com Irapuã, o cacique, que desconfia do visitante porque é amigo da tribo inimiga. Sendo defensor da cultura indígena, Irapuã acusa Iracema de entregar-se ao estrangeiro e transgredir a lei de Tupã. Sabemos já no princípio que o amor entre Iracema e Martim é proibido e perigoso, mas também inevitável porque os dois "saíram do seio da mesma flor" (31).

Quais os motivos para Iracema e Pocahontas abandonarem suas cultura e aliar se com os europeus? Ficamos com a impressão que Iracema está simplesmente tão apaixonada por Martim que vai deixar seu povo para construir uma nova nação — "um ninho de amor, nova pátria para seu coração" (64). Pocahontas, por outro lado, percebe a chegada dos ingleses como uma oportunidade para ela conseguir a igualdade com os homens.⁶ Pocahontas expressa sua revelação para sua amiga Nomony:

Woman was made to be the friend of man,
To share man's confidence – win his respect –
To be – to be – his EQUAL? That's the word.
Are not these strange – strange thoughts? (149)

Nomony, a mulher indígena tradicional, desabafa, "It is not good for Indian maids to dwell / Among these Yengesees," e logo depois, "I am content / Prepare a hunter's meal; care for his children." Portanto, John Smith e seus companheiros fiéis são caracterizados como homens progressistas e igualitários em oposição aos índios chauvinistas e tradicionais. O discurso da igualdade é afirmada pela da mulher indígena – a mesma, lembremos, que acaba de chamar Smith de "pai". Então mesmo esse *soi disant* discurso feminista cabe dentro de um esquema paternalista e patriarcal.

Para Smith, Pocahontas é uma mulher diferente e especial – "The tameless spirit of her forest race" (117), que merece o respeito dos homens e da coroa inglesa. Portanto, Pocahontas pode ser igual aos homens precisamente porque vive num estado de natureza. Ela faz uma contraste com uma outra personagem feminina, Anne Burras, que no final será a Senhora Laydon. Anne Burras tem um desejo latente de participar nas aventuras na floresta, mas é obrigada a ficar no acampamento, costurando as roupas para os homens. Quando Smith regressa heroicamente ao acampamento ela geme, "I wish I were a man!", seu noivo Laydon responde, "But I don't wish it, pretty Mistress Anne!" (59-60). Como a ausente "virgem loura" que espera a volta de Martim em Iracema, a inglesa é protegida e domesticada, e terá um papel mundano no projeto nacional.

RAÇA E SEXO

Talvez a diferença mais saliente entre *Pocahontas* e *Iracema* seja o tratamento da política sexual entre o homem europeu e a mulher indígena. As diferenças refletem, geralmente, nas diferenças socio-culturais entre os Estados Unidos e o Brasil. A primeira é uma sociedade que criou mecanismos legais para instituir a segregação racial. A elite branca norte-americana geralmente manifestava uma ansiedade extrema perante a idéia e o fato de miscigenação tanto que alguns estados do sul proibiam a união conjugal entre brancos e não-brancos. A segunda é uma sociedade onde os brancos detêm o poder político e econômico, mas que nunca instituiu

comunidades radicais que viviam de acordo com seus princípios. Para Young, a Pocahontas de Owen é um "feminista anacrônico" (402).

⁶ Philip Young nota que o autor, Robert Dale Owen, advogou a contracepção, discussão livre sobre o sexo, e os direitos para mulheres, e fundou

uma política de segregação legal. A miscigenação não era necessariamente aceita na esfera pessoal, mas vista como uma realidade nacional, e até emblemática da cultura brasileira. Foi preciso explicar a miscigenação em termos não-violentos. Obviamente, os criadores dos mitos nacionais não podiam assumir a noção que a miscigenação pudesse ter envolvido a violência. Os americanos segregaram os negros e colocaram os índios em reservas separadas, enquanto exaltavam os valores democráticos e igualitários. Entretanto, os brasileiros criaram um sistema hierárquico que mantinha a hegemonia branca sem separar as raças.⁷

Os dois autores usaram os índios para expressar os valores das elites brancas de seus países respectivos. Em *Pocahontas*, o discurso de pureza racial aparece junto ao discurso romântico do “nobre selvagem.” Curiosamente, o chefe dos “selvagens”, Powhatan, conforme aos padrões estéticos dos brancos. Rolfe elogia: “His high, dark brow and noble Roman features / Bear impress, not of craft but dignity.” (163) Mas o índio é também como a natureza – pura, íntegra, incorrupta pela civilização industrial dos brancos. Pocahontas faz parte dessa natureza pura, ela é o “embodied spirit of her forest race” como diz o Rolfe. (124) Os índios do drama também super-valorizam sua pureza racial e a estima como algo que deve ser mantido e protegido. Segundo os homens da tribo, a mulher indígena que se submete ao desejo sexual do homem branco deve ser expulsa. O irmão de Pocahontas, Paspaho, diz:

If any maiden
Of the pure blood of our untainted race
Forsake the warriors of her native tribe
For these pale-faced and sickly-skinned intruders
Upon our hunting-grounds — why let her go. (70)

Aqui vemos nitidamente a diferença entre os dois índios “maus” das duas obras, Paspaho e Irapuã. Paspaho expressa o tabu de sexo entre índios e europeus em termos raciais, enquanto Irapuã o condena em termos religiosos – Iracema não pode ter sexo com Martim porque ela é da Tupã e guarda o segredo da jurema: “O estrangeiro foi quem ofendeu a Tupã, roubando sua virgem, que guarda os sonhos da jurema” (35). O discurso racial não entra na condenação de Irapuã contra Martim. Por outro lado, Paspaho não fala de tradições culturais, mas se preocupa muito com a mistura da sua “untainted race” com os “pale-faced invaders.”

⁷ Durante o século vinte, a miscigenação, particularmente entre a massa trabalhadora européia e a massa afro-brasileira, fez parte do projeto nacional para “branquear” o país. A mistura de raças foi vista como a solução brasileira para “limpar o sangue”.

Mais tarde, Powhatan, o pai da Pocahontas e o chefe da tribo expressa sua desconfiança nos ingleses em termos raciais depois que o pacto entre os dois grupos fracassou:

They blight our land – they blast our happiness –
Usurp our hunting grounds – insult our Gods!
Their Yengesee wiles seduce our maiden’s hearts;
Their Yengesee poison steals our warriors’ courage;
Their Yengesee arts bepale our unmixed blood;
Their Yengesee spells make white our Indian souls! (176)

A pureza racial, portanto, chega a ser um feitiço. É tão importante para a integridade da tribo quanto seus deuses, sua terra, sua sobrevivência, seu poder militar e suas mulheres. A mistura de raças é visto como ameaça à tribo. Para Powhatan a pureza racial tem que ser defendida como se fosse um recurso natural, e respeitada como se fosse uma crença sagrada. Não é provável que a pureza racial fosse um valor indígena, mas sabemos que foi uma obsessão anglo-americana, especialmente durante o século dezenove quando a elite norte-americana muitas vezes justificava sua política de expansão e interferência na América Latina em termos raciais, e quando o sul ainda mantinha um sistema escravocrata. Owen projetou todos os medos, os preconceitos e as neuroses do homem anglo-americano ao indígena para mostrar que a pureza racial é “natural” e que é crucial para a integridade da nação.

A própria Pocahontas exalta sua pureza racial quando vem visitar Smith e Rolfe: “Albiet the race to which I owe my birth / Is an unmixed one, I love the Yengesee.” (126) Então Pocahontas quer aliar-se com os brancos, mesmo que haja a possibilidade que esse pacto faça com que ela comprometa seu valor mais saliente, a pureza racial. A peça exclui qualquer cena amorosa entre ela e seu esposo, Rolfe, tal como a cena destacada do romance de Alencar com Iracema e Martim embalados na rede. É irônico, portanto, que segundo os documentos históricos de Smith e outros, Pocahontas e Rolfe tiveram um filho cujo descendentes supostamente incluem a família de Thomas Jefferson (Young, p. 394). Se a união sexual faz parte do saber histórico, por que foi excluído do drama de Owen e de todos os outros dramas sobre Pocahontas? A miscigenação, romantizada e glorificada em Iracema, não é somente ignorada, mas fortemente reprimida em Pocahontas, devido à obsessão anglo-americana com a pureza racial.

No romance de Alencar às vezes parece que a única função da Iracema é ter o filho de Martim que será “o primeiro brasileiro”. De fato, mal sai do ventre seu “filho de sofrimento” e ela morre, para depois ser enterrada ao pé do coqueiro. Ela vira um símbolo

da "pátria do amor". A humanidade dela é apagada, ela é incapaz de participar no projeto nacional, mas ainda servirá como um símbolo da nação.⁸ Lembramos que a morte dela já fora predefinida desde o momento que ela rompeu o tabu e traiu sua cultura. O Pajé anunciara: "Se a virgem abandonou ao guerreiro branco a flor do seu corpo, ela morrerá" (35). Iracema se sacrifica em nome da nação brasileira. Alencar quer mostrar que foi um sacrifício consciente, desde que foi Iracema que primeiro fez os avanços sexuais ao Martim. Ela realiza esse amor mesmo que saiba que vai ser fatal.

Martim é o homem inocente que está apaixonado por Iracema, mas tem que respeitar as regras da cultura indígena e afirmar a moral cristã. Silviano Santiago notou que Martim cabe perfeitamente na visão "lusotropicalista" de Gilberto Freyre (Santiago 1965, p. 65). Alencar quis mostrar que a conquista sexual do Martim não foi um produto da violência, senão a realização do amor. Martim apela a Cristo pela força moral para reprimir a "ardente chama" que ele sente, e resistir a tentação da virgem tabajara (45). Para que sua união sexual pudesse ser realizada foi necessário que sua lucidez fosse obscurecida pela jurema (Santiago, p. 65). Mas depois, Martim tem que recuperar sua sobriedade e sua prudência para continuar com o projeto civilizatório.

A partir do momento em que eles fazem amor, Iracema está comprometida com a nova pátria. Ela ajuda Martim escapar do território tabajara e encontrar seu amigo pitiguara, Poti. No meio do caminho, os três param e Martim pede para Iracema voltar para a cabana do seu pai, Araquém. Mas, desde que ela realizou um amor proibido e transgrediu as regras de sua tribo, não pôde voltar. Daí Martim, começa a se arrepender de seus excessos sensuais e ficar aborrecido com Iracema. Já no território dos pitiguaras ele divide seu tempo entre Iracema e suas campanhas militares. Iracema é cada vez menos dona de si, e cada vez mais a "escrava" do Martim (53). Quando ela fica grávida, Martim se orgulha da fundação de uma nova nação: "O guerreiro branco não quer mais outra pátria, senão a pátria de seu filho e de seu coração" (66). A família de Iracema é distante e apagada da memória até a breve e inconseqüente visita do seu irmão. Enquanto Martim está lutando para estabelecer a hegemonia portuguesa na região, Iracema fica sozinha, sempre esperando por sua volta. Iracema,

⁸ Hayden White notou que a identificação do índio com um objeto natural faz com que o índio possa ser desumanizado, e depois usado (consumido, transformado ou destruído) de acordo com os desejos dos conquistadores (*The tropics of discourse*, p. 186).

exilada da sua tribo, sem nenhuma importância estratégica, só tem que cumprir um papel – parir o filho do Martim, e mais nada. Martim continua a desprezar a Iracema até o fim do romance quando, de repente, "o amor renasceria com o júbilo paterno" (85). Seu amor é uma função do seu egoísmo patriarcal e sua ambição política. Ele vai expropriar a descendência gerada da sua relação com Iracema.

Pocahontas, por outro lado serve, como o traço de união entre os índios e os ingleses. Ela não fica exilada da sua tribo como Iracema. Sua importância é política porque ela mantém contato com os dois grupos. Ela descobre uma conspiração entre os chefes da sua tribo e os inimigos ingleses de Smith que só querem voltar para Inglaterra. No decorrer da guerra entre os dois grupos Pocahontas é capturada pelos conspiradores ingleses depois que traíram seus aliados índios. Smith e Rolfe conseguem derrotar os conspiradores e liberar a Pocahontas. Assim eles criam a possibilidade de um acordo político com os chefes indígenas.

Na cena final, Pocahontas e Rolfe se unem com as bênçãos do Smith. Mas sua união é puramente política, para pacificar os índios e facilitar um acordo entre os dois grupos.⁹ Smith aponta para Rolfe e diz aos índios:

His heart and Pocahontas' heart are one.
They have joined hands and hearts. So let it be
With the Red Men and Yengesee (204).

Mas não há uma "predestinação de uma raça" em sua união. O casamento serve apenas para garantir a conciliação política entre dois grupos antagônicos. Segundo o testemunho de Smith em *General historie*, eles tiveram um filho e viajaram para Inglaterra onde foram recebidos pela rainha. Pocahontas morreu na Inglaterra e foi enterrada no Gravesend em 1617. Rolfe voltou para cuidar de suas plantações de tabaco e foi morto pelo tio de Pocahontas quatro anos depois (Young, p. 394). Aparentemente, a aliança entre o "Red Man" e o "Yengesee" tinha fracassado de novo. Então para

⁹ Vale notar aqui a maneira como essa cena foi escrita por Custis. Em sua peça a importância política dessa união é claramente marcada. Powhatan diz: "In the name of Virginia I pledge friendship with the English so long as the grass grows and water runs". As palavras grifadas vêm duma mensagem escrita pelo Presidente Andrew Jackson em 1829 para os índios Cherokees e Choctaws. Ele lhes tinha prometido terra e proteção. A frase ficou famosa e Custis a incluiu como um anacronismo para construir uma resolução entre Powhatan e Smith. Logo depois o ouro foi descoberto na Geórgia e as tropas federais chegaram para despejar os índios de suas terras.

que Owen pudesse escrever uma peça que fosse “atrativa” e também “estritamente histórica” tinha que concluir seu drama antes que a resolução se desfizesse desastrosamente.

A IDENTIDADE NACIONAL

Em *The content of the form*, Hayden White escreve que o modo narrativo para representar o passado “pressupõe a existência dum sistema legal contra qual ou para qual os agentes típicos militam” (13). Ao subjetivar um indivíduo é preciso reconhecer a existência dum sistema político que governe as relações entre vários grupos sociais. Neste sentido, as duas peças conseguiram subjetivar o índio e colocá-lo dentro do esquema sócio-político europeu. A conclusão da narrativa sintetiza os eventos, resolve o conflito, identifica os vencedores e vencidos. Segundo White, a narrativa sempre é uma alegoria porque moraliza os eventos (1987, p. 14). Qual é o significado moral dessas duas obras literárias? Alencar e Owen procuraram definir a identidade nacional de seus países. Assim representaram os princípios históricos com pouca violência e sem contradições. Demonstraram a superioridade moral dos fundadores e a legitimidade do seu projeto. As duas peças serviram para legitimar o poder das elites e sua idéia da nação.

Em *Iracema*, a mulher indígena se torna o símbolo nacional, incorpora o espírito mítico dos trópicos americanos. Silviano Santiago ressaltou o fato de *Iracema* ser anagrama de “América” (63). Ela representa a terra virgem que será desenvolvida segundo os desejos do homem português. No processo de exploração e desenvolvimento da terra virgem, Martim vai romper com a metrópole e fundar sua própria nação. Mas Martim percebe a velha pátria dum modo diferente que Smith e Rolfe. Como bom português, ele é saudoso: “a lembrança da Pátria, apagada pelo amor, ressurgiu em seu pensamento” (72). Então ele ainda sente uma afinidade enorme por sua pátria, mas sua vontade de voltar e abandonar seu projeto é, afinal, conquistada pelo “amor”. Portanto, na visão romântica alencarina, o motivo mais saliente para ficar no Brasil e fundar a nação foi o amor, e não as ambições políticas e econômicas. Mas aí surge um conflito dentro de Martim e uma tensão interna dentro do romance. Se seu amor era tão profundo, por que não foi capaz de satisfazer sua existência, agora tão “cheia de grandes desejos e nobres ambições”? (74) De fato, *Iracema* é um peso para Martim. Ela é necessária para sua auto-definição, em relação à velha pátria, mas é totalmente dispensável depois de nascer a “prole” do Martim. Ela fica no plano simbólico enquanto

Martim espalha a “palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem” e segue com seu projeto civilizatório (87).

O drama *Pocahontas* funciona para definir os Estados Unidos em relação tanto à velha pátria quanto às novas repúblicas do hemisfério. Owen escreveu *Pocahontas* catorze anos depois da independência brasileira e dezesseis anos depois da independência mexicana. Além de expressar a identidade nacional vis-à-vis a Europa, o drama *Pocahontas* justifica o “Destino Manifesto” da nação para reclamar e explorar o território até o Oceano Pacífico, e “proteger” as repúblicas nascentes do sul. Lembramos que *Pocahontas* foi escrito catorze anos depois da formulação da Doutrina Monroe, no auge da realocação indígena, e dez anos antes da Guerra México-Americana. Philip Young escreveu que Pocahontas é a mãe simbólica dos norte-americanos, que se sacrifica pela nação, e acrescentaríamos que John Smith é o pai que determina o “bem comum” para todos.

Owen mostra Smith como um homem progressista, justo e moralmente superior em comparação aos outros ingleses e aos colonizadores espanhóis. A conspiração contra Smith é organizado por Ratcliffe e Archer, dois homens ambiciosos que acham que Virgínia deve ser explorada como os espanhóis exploraram o México. Eles criticam Smith por não ter mandado os índios buscarem ouro e prata para enriquecer a coroa inglesa. Por quase duas páginas, Smith discorre sobre a injustiça da colonização espanhola, e exige que eles leiam “Las Casas’ blood-stained page” para conhecer a violência contra os índios: “I’ll be sworn they’ll read these brutal horrors, / And lift their eyes to Heaven, and thank their God / They are not Spaniards” (185). Nesta comparação, portanto, ele procura justificar o projeto colonialista dos ingleses que sabem tratar “seus” índios.

Smith também critica os ingleses que querem voltar para Inglaterra. Ele não tem saudades como Martim e pretende ficar na Virgínia para colonizar o país. Ele expressa várias vezes seu desdém pelos nobres elegantes e os “dainty gallants” com suas roupas finas e suas preocupações financeiras. Alguns conspiradores têm saudades da Inglaterra e não agüentam mais conviver com os “selvagens”. Eles querem levar o que podem e voltar para a velha pátria. Smith, agora o grande defensor do índio, compara os golpistas com os colonos espanhóis. Seus inimigos são

Men who have Spanish hearts and iron hands,
To do their dirty work;
Men, who will bring hame gold, and leave behind them
A desert, strewed with bones, and soaked with blood! (186)

Smith detesta os homens que querem explorar a terra virgem e sacrificar os índios para enriquecer a Inglaterra. Para ele, são como os espanhóis que não souberam fundar uma nação segundo padrões anglos.

O discurso de Smith é essencialmente o discurso romântico do século dezenove sobre o "Destino Manifesto". Proclama a separação política e cultural da Inglaterra, demonstra um sentimento de superioridade moral diante da América Latina e justifica a expansão imperialista no continente norte-americano. Ao mesmo tempo, Owen exalta o índio mítico do passado distante. Hayden White nota em *The tropics of discourse* que o europeu começou a glorificar o "nobre selvagem" só depois que os indígenas em questão ou foram destruídos ou subjugados (186). Portanto, a história de Pocahontas, cuja tribo fora destruída há muito tempo, cabe bem no discurso sobre a fundação da nação. Os conflitos violentos da época com os Cherokees, os Creeks, os Choctaws e os Seminoles no sudeste seguramente não podiam inspirar um drama romântico e ufanista que glorificavam as raízes da justiça e da democracia norte-americana.

UMA MÁSCARA PARA A IDEOLOGIA

Para concluir, eu gostaria de voltar aos prefácios de Owen e Alencar para examinar como a narrativa funciona para disfarçar seus princípios ideológicos. No ato de "recriar" uma realidade do passado os dois autores procuraram contar histórias que fossem fiéis aos documentos deixados pelos observadores da época. Acreditaram que era possível conhecer a verdade, e revelar o espírito da época através da imaginação guiada pelos "fatos" históricos. O "nobre selvagem" fornece o aspecto dramático. Para Owen, o índio pertence a uma raça, "the savage magnificence of whose character appears to me indifferently well adapted to the dramatic effect" (21). Alencar também escreve que "as tradições dos indígenas dão matéria para um grande poema [...]" (88). Os indígenas eram simbolicamente úteis para os europeus, particularmente depois de serem controlados. O índio foi "bem adaptado" para o discurso patriótico do século dezenove precisamente porque já tinha sido vencido e subjugado.

Na visão romântica o índio virou o símbolo mais útil para representar a nacionalidade. A partir do momento em que os índios foram subjugados, podiam ser associados com a natureza e romantizados. Em *Pocahontas* e em *Iracema* a mulher indígena é usada para naturalizar o discurso hegemônico da época. Pocahontas

serve como modelo da "boa" mulher indígena, sempre fiel ao seu "pai" branco. Ela pode ser lida como uma metáfora das repúblicas latino-americanas do século dezenove. Do ponto de vista da elite norte-americana, esses países são inferiores, mas podem ser "bonzinhos" enquanto obedecerem à vontade paternalista do país dominante. Na peça de Owen, às vezes parece que a questão da identidade nacional em relação à metrópole já fora resolvida. A identidade nacional é construída em relação aos outros países do hemisfério. Iracema é bem mais um símbolo nacional – é precursora do ideal luso-tropicalista freyreano. Talvez seja por esta razão que o romance de Alencar tem um lugar fixo no cânon literário brasileiro, enquanto a peça de Owens é praticamente desconhecida. Cada obra oferece uma resolução "atrativa" para a história da fundação da nação. O "ato poético" da narrativa disfarça seus princípios ideológicos. Sua visão é interpretada como universal, em vez de particular. Assim, o discurso colonialista e patriarcal passa a representar o país inteiro.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Iracema*; lenda do Ceará. (1878); São Paulo: Ática, 1990.
- CUSTIS, George Washington Parke. *Pocahontas; or the settlers of Virginia*. Philadelphia, 1830.
- OWEN, Robert Dale. *Pocahontas: a historical drama*. New York: George Dearborn, 1837.
- SANTIAGO, Silvano. Alegoria e palavra em Iracema. *Luso-Brazilian Review*, (Winter, 1965), p. 55-68.
- . *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- TORGOVNICK, Marianna. *Gone primitive*. The University of Chicago Press, 1990.
- WHITE, Hayden. *The content of the form*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987.
- . *The tropics of discourse*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.
- YOUNG, Philip. The mother of us all: *Pocahontas* reconsidered. *Kenyon Review* (Spring, 1962), p. 391-415.